

O *bios* virtual, o local e o papel da diversidade na educação

The virtual bios, the local perspectives and the role of diversity in education

■ CLAUDIA FREIRE *

SODRÉ, Muniz (2012).

Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes.

Petrópolis, RJ: Vozes. 279p.

RESUMO

Ao tratar dos aspectos históricos da linhagem pedagógica no Brasil, o mais recente livro de Muniz Sodré *Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes* aborda a temática da educação sob uma perspectiva transdisciplinar propondo urgência para com a redefinição do lugar da escola e do professor diante de uma cultura hipertextual e da prevalência do *bios* virtual. Em face a uma juventude que reverbera a vivência de um *eterno entretenimento* capitaneado pelas mídias há, em contraposição, a dura realidade dilemática em que a educação se encontra nos países latino-americanos, que necessita ser revista sob a ótica da diversidade cultural e da crítica ao pensamento homogeneizante e universal da modernidade.

Palavras-chave: cultura, educação, pedagogia, sociologia educacional, tecnologia

ABSTRACT

Dealing with historical aspects of pedagogical lineage in Brazil, the latest Muniz Sodré's book *Reinventing Education: diversity, decolonization and networks* approaches the education under a transdisciplinary perspective, proposing urgency toward the redefinitions about the school and the teacher's practice, beyond hyper textual culture and virtual *bios*. In a time when youths reverberates the experience of an "endless entertainment" captained by the media is presented, by contrast, the harsh dilemmatic reality of education in the Latin American countries, that needs to be reviewed from the perspective of cultural diversity and critical thought about universal and homogenizing aspects of modernity.

Keywords: culture, education, pedagogy, sociology of education, technology

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – PPGCOM – USP. Pesquisadora do CETVN – Centro de Estudos de Telenovela da USP. Bolsista pelo CNPq. Desenvolve pesquisa sobre metodologias, métricas e monitoramento de redes sociais. E-mail: clapofreire@usp.br.

QUE DIZER SOBRE a mais recente obra escrita por um dos principais pensadores brasileiros do campo da Comunicação e que se propõe ao complexo debate sobre a Educação em tempos em que o *Google* adquiriu o *status* popular de principal fonte de conhecimento?

Em *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*, Muniz Sodré apresenta-nos o desafio de observar a problemática da educação nos dias atuais sob as diversas perspectivas que englobam o saber e a prática pedagógica, relacionando-as a diferentes campos do conhecimento. Sem deixar de lado a dura realidade histórica da formação das sociedades latino-americanas e do País periférico em que estamos inseridos, o livro cumpre o propósito sem, contudo, fornecer respostas prontas para os profissionais de ambos os campos e demais pesquisadores interessados pela temática. Ao contrário, reitera o difícil debate sobre o papel da escola, professores e alunos através de um panorama que não pode ser considerado significativamente simples, mas que jamais deixa de ser observado sob a ótica crítica do autor. A escola, nesse contexto, assume o “lugar determinado do sistema social onde se reconstitui o movimento de produção do conhecimento, mas sempre como um efeito das relações de classe” (Sodré, 2012: 25). Talvez o principal aprendizado que o leitor possa retirar do livro seja um novo olhar que permeia as teorias já formuladas sobre a educação, o papel ativo da comunicação e o que se denomina na contemporaneidade por *sociedade do conhecimento* observados, em seus aspectos antes primordiais e agora múltiplos, sob uma ótica crítica que leva em conta contextos e ideologias subsumidas à sociedade globalizada.

No primeiro capítulo, intitulado *Cultura e educação*, Muniz Sodré desconstrói e expõe a persistência de uma *monocultura do saber* cultivada pelo ideal moderno, universal e ocidental hegemônico *da verdade do conhecimento científico* sobre os demais conhecimentos advindos das tradições culturais relegadas ao *status* de mito nas sociedades colonizadas. Segundo o autor, essa foi uma das principais crenças difundidas pelo colonialismo e eurocentrismo que teve como ponto de partida o século XVI europeu “acelerando-se nos dois séculos seguintes associado à ideia de progresso, e amadurecendo no século XIX com a Revolução Industrial capitaneada pela classe burguesa” (p. 43). A tradição advinda das potências colonizadoras instituiu-se como *dominação*, principalmente de caráter cultural. Assim foi que, na formação da sociedade brasileira atribuiu-se diferentes pesos, ou valores, ao saber instituído pelos colonizadores em detrimento dos saberes locais, formados por povos que aqui habitavam. Daí a pertinência da proposta de *descolonização* que é, “ao mesmo tempo, epistemológica e política” (p. 44) diante da *ideologia cosmopolita euro-americana* proveniente daquilo que o autor chama de “pan-europa” (p. 55) e que

reverbera até os dias atuais e espelha a *cor de pele da nossa cultura* no campo da educação. Para romper com esse paradigma, o autor apresenta a proposta de reconhecimento de uma ecologia dos saberes que faz parte de nossa formação cultural, ainda que bastarda sob os olhares de algumas instâncias políticas. Esse processo de reconhecimento requer, em conjugação com a realidade cotidiana dos estudantes e professores, ir além do âmbito da escola e, ao mesmo tempo, nunca deixando de incluí-la em sua ação.

No segundo capítulo, intitulado *Espaço e cognição*, dois conceitos são fundamentais: *lugar e comunidade*, pois ambos interferem de maneira indelével nas *formas* de aprendizagem.

Diferentemente de espaço abstrato, lugar é a localização de um corpo ou de um objeto, portanto é espaço ocupado. *Território*, palavra mais moderna, é o lugar ampliado. Assim, hoje dizemos que território é o espaço afetado pela presença humana, portanto, um lugar da ação humana. Só que essa localização não é necessariamente física, pode ser a propriedade comum de um conjunto de pontos geométricos de um plano ou do espaço. Aí, então, nossa referência não é mais topográfica, mas topológica – a lógica das articulações do lugar, portanto, a teoria das forças, linhas de tensão e atração, presentes no laço invisível que desenha a cidade como lugar (*koiné*) ou comunidade (*communitas*) (p. 74).

O lugar e seus pontos de tensão definem formas concretas para a existência das coisas. São referências fundamentais para qualquer ação humana. Essa forma é a cultura institucionalizada no espaço-tempo, assim como os conceitos de um determinado campo do saber tomam *forma* em campos epistemológicos específicos. Para o autor, *a escola é igualmente forma* (p. 81) e a natureza dessa forma não está nos conteúdos a que se toma o dever de transmitir, mas no aspecto cultural que a dimensiona, funcionando “de fato como uma máquina de adaptação cognitiva ao assujeitamento requerido pelo modo de produção dominante. É uma forma que metaboliza socialmente os parâmetros de reprodução do sistema” (p. 81). Assim, o lugar (local) estabelece uma relação intrínseca com as formas educacionais propagadas culturalmente na sociedade. Essa consideração nos leva a perceber as teorias educacionais de maneira inusitada, sempre conectadas a um determinado local e espaço-tempo na história da humanidade. Ou seja, o pensamento sobre a educação não se encontra desprendido ao longo do tempo, mas precisa ser revisto através de contextualizações políticas e históricas. Deste modo, nenhuma teoria pode ser considerada inócua. Da mesma forma, a discussão sobre comunidade levanta uma questão referencial importante, uma vez que não nos organizamos mais segundo uma topologia aparente, mas por meio de relações que compõem

uma rede de fluxos ou, como bem denomina o autor, trata-se de um novo *socius*. No centro da comunidade encontra-se a comunicação que permite o interesse de compartilhamentos comuns “Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade (...)” (p. 94). O local da aprendizagem é definido como local de ação que renova e dá continuidade à existência comunitária. Nesse sentido, há possibilidades de aproximação ao conhecimento por meio dos afetos e à apropriação criativa de conteúdos com certas ressalvas, uma vez que ambiências tais como *preconceito* ou *imitação* oriundas de determinados locais perpassam a aprendizagem e podem competir com a relação aprendizagem-criatividade.

Em coerência com as proposições anteriores sobre a escola, o autor inicia de maneira um tanto irônica, mas nem por isso pouco exaustiva, o panorama extenso acerca das diversas teorias pedagógicas no terceiro capítulo intitulado *Pedagogia e escola*. Irônica porque abre o debate a partir de pensamentos de autores dos séculos XIX e XX, a exemplo de Gabriel Garcia Márquez ao mencionar que “aos sete anos de idade, tive que parar a minha educação para ir à escola”. Tal provocação principia “um sumário passeio a partir do campo pedagógico” (p.137) em um panorama que cobre desde as primícias da Modernidade até os dias atuais, apresentando os diversos conceitos já desenvolvidos pela linhagem pedagógica de cunho internacional, priorizando o caso brasileiro, sem deixar de lado concepções abolicionistas sobre a educação primária e secundária desenvolvidas por Joaquim Nabuco, Mário de Andrade e a pedagogia *subversiva* de Jacotot. Também são abordadas as influências de nomes tomados como *marcos paradigmáticos da pedagogia brasileira* (p. 128-129), tais como: Lourenço Filho, José Mário Pires Azanha, Cecília Meireles, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire. Nesse capítulo, o autor explicita ainda mais os aspectos relativos à colonização e seus efeitos sobre a *praxis* educacional do País, incluindo a necessidade de desconstrução dos clichês discriminatórios típicos do século XIX (entre eles a eugenia e a urbanidade) e a ocorrência de projetos emancipatórios aplicados aos métodos de *ensino universal*.

Convergingo para a atualidade, o conceito de *bios virtual* e a reflexão sobre o lugar do professor são desenvolvidos no capítulo 4, em que o autor aborda o tema *Tecnologia e diversidade*. Iniciando pela sedução na instância da potência própria e soberana dos objetos tecnológicos que nos cercam (p. 157), passando pelo desenvolvimento da tecnologia até a lógica descentralizada das redes, o capítulo culmina com a diversidade e pluralidade de discursos imanentes que emergiram da configuração da sociedade de nosso tempo. Ressaltando o papel da televisão como *medium sintetizador* no século anterior, o autor menciona o fenômeno em que “o *broadcast* é, assim, progressivamente, substituído pelo

pointcast, que é a transformação daquele comum em pontos de mira individualizados, capazes de provocar a fragmentação do espaço público midiaticamente ampliado” (p. 171) justificando o uso apropriativo da internet e o crescimento das TVs por assinatura no País.

O *bios* virtual é a prótese, não apenas uma maquinaria comunicacional que permite ao cidadão inteirar-se das coisas do mundo, e sim uma ‘atmosfera’ magnética (um *ethos* feito de hábitos e afetos) onde, por um lado, ‘respira-se’ o consumo programado pela socialização latente do mercado e da ordem tecnológica; por outro, ‘habita-se’ um mundo de imponderabilidade, ubiquidade e interatividade (p. 189).

A grande pergunta é o que acontece com o papel do professor quando “as informações são ilimitadamente abundantes, e o saber apresenta-se como móvel e veloz por efeito da informação tecnologicamente acelerada, ou quando o verticalismo hierárquico dá lugar a redes horizontais que transgridem as fronteiras gerenciais?” (p. 194). Ou seja, quando questões como tempo e autoridade adquirem novas semânticas? Em meio à diversidade das redes e domínio dos objetos é preciso construir uma dimensão *humana* que aborde o *sensível*, ou seja, uma educação sensibilizadora a partir de um novo paradigma cognitivo – o *paradigma do sensível* – uma vez que: “(...) a força motriz da diversidade cultural está na sensibilização das consciências frente à emergência do Outro, isto é, em autossensibilizar-se de maneira a tomar contato com a gênese contingente de suas crenças, valores e atitudes” (p. 185). Deste modo, o professor ainda ocupa o papel principal na educação, mesmo diante do dinamismo da tecnologia. Contudo, para Muniz Sodré, torna-se imprescindível a redefinição de seu lugar diante da cultura hipertextual, capaz de traduzir novas formas de ação híbridas entre os campos da comunicação e educação.

O livro finaliza com a denúncia explícita da política econômica neoliberal que vem mercantilizando políticas públicas direcionadas à educação nos países periféricos tendo em vista a formação de um capital humano favorável ao desenvolvimento da economia transnacional. Contribuem para este movimento o *monitoramento global* de órgãos internacionais como a ONU, Banco Mundial e a OECD que, por meio de uma política avaliativa, instituíram indicadores desejáveis, comparativos para cada nação. Visa-se, nesse contexto, à formação do analista simbólico “aquele tipo de agente produtivo que oferece ao mercado laboral uma manipulação de símbolos (dados, palavras, representações orais e visuais) com ferramentas analíticas em qualquer atividade produtiva que requeira trabalho criativo” (p. 235). Essa nova forma de *imperialismo* transnacional corrobora para o desenvolvimento de políticas brasileiras que

privilegiam a privatização e distensão do *valor econômico da educação formal*, processo ao qual os países periféricos respondem por meio da formação de uma espécie de mão-de-obra qualificada e bem treinada, atendendo às demandas de mundo globalizado.

A obra de Muniz Sodré não dirime a complexidade defrontada, atualmente, pela educação. Ao contrário, trata-a com sensatez e coragem, encarando a contemporaneidade dilemática em que vivemos. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes* é um livro imprescindível para os profissionais da educação, tendo em vista o esclarecimento sobre os fenômenos em que a prática formativa encontra-se imbricada nos dias atuais. Do mesmo modo, é recomendável aos profissionais do campo da comunicação a fim de que possam compreender, de maneira dialógica, aspectos essenciais dessa nova geração de alunos e professores em meio à diversidade cultural brasileira. **M**

Resenha recebida em 3 de outubro e aprovada em 24 de outubro de 2012.